



POLÍTICA ECONÔMICA

Aumento do desemprego, queda nas vendas da indústria e do comércio, acompanhados por deflação nos índices de preços, mostram a necessidade de forte redução na taxa básica

Por que os juros têm de cair

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Qualquer que seja o indicador usado como referência para medir a vitalidade da economia, a constatação é uma só: a taxa básica de juros (Selic) tem de cair na reunião Comitê de Política Monetária (Copom), na semana que vem. Sufragados pelo custo absurdamente alto do dinheiro, o comércio está à beira de um colapso, o trabalhador brasileiro já não sabe de onde tirar recursos até mesmo para comer e a atividade produtiva agoniza (*leia quadro ao lado*). A Selic está em 26% ao ano, mas as empresas têm arcado com juros médios anuais de 40% e os consumidores, com taxas de até 180% ao ano.

As estatísticas acumuladas nas últimas semanas mostram que o governo precisa agir rápido. Na avaliação de especialistas, a redução na Selic deve ser forte, de pelo menos dois pontos percentuais, para reverter o pessimismo que empurra o país para a recessão. "Credibilidade para isso, o Banco Central tem de sobra", diz o economista Ricardo Amorim, chefe, em Nova York, do Departamento de Pesquisas Econômicas para a América Latina da IDEAGlobal, uma das principais empresas de consultoria do mundo.

"Se havia algum impedimento para a queda dos juros, ele se dissipou por completo nos últimos dias com todos os índices de preços apontando deflação", afirma.

O raciocínio de Amorim é claro. Ao baixar os juros de forma significativa, o Banco Central sinalizará aos agentes econômicos que a atividade produtiva vai se recuperar nos próximos meses. Com isso, os empresários se sentirão estimulados a tirar da gaveta os projetos de investimentos para o aumento da produção, confiantes que haverá consumidores para suas mercadorias. Ao ampliarem os parques produtivos, as empresas terão de contratar mais trabalhadores, ajudando a reduzir os índices recordes de desemprego.

Empregos

O economista-chefe do Banco Santos, Marco Maciel, vai além. Segundo ele, o número maior de postos de trabalho levará mais pessoas para o mercado de consumo, tirando o comércio do buraco. Pelas contas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas em maio as

vendas do varejo encolheram 6,13% quando comparadas ao mesmo mês do ano passado. O comércio, ressalta o economista, será beneficiado ainda pela queda da inflação, que recompõe o poder de compra da população, e pelo aumento na oferta de crédito. Juros mais baixos incentivam as vendas a prazo, das quais o comércio não pode abrir mão.

A queda dos juros — que, na avaliação de Sérgio Werlang, diretor-executivo do Banco Itaú, pode chegar a quatro pontos percentuais — também ampliará a capacidade do governo de investir, sobretudo na área social. Para cada ponto percentual de baixa na Selic, o governo economiza, em 12 meses, 0,26 ponto percentual do Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas pelo país. A valores de hoje, se a Selic cair de 26% para 25% ao ano, a União deixaria de pagar R\$ 4 bilhões em juros da dívida pública no prazo de um ano. Se a queda for de dois pontos percentuais, as despesas diminuirão R\$ 8 bilhões.

Investimentos

Trata-se de uma economia e tanto. Nos primeiros seis meses do ano, o governo não conseguiu liberar sequer 10% dos investimentos programados para este ano no Orçamento da União, estimados em pouco mais de R\$ 7 bilhões.

Segundo o economista-chefe do Banco BNL, Everton Gonçalves, o dinheiro que iria para o pagamento de juros, poderia ser aplicado em obras de saneamento básico ou no financiamento da casa própria à população de baixa renda. Além de melhorar as condições de vida dos mais pobres, o governo estimularia, por tabela, a criação de mais empregos. E mais: com a dívida pública diminuindo em relação ao PIB, o risco Brasil cairia, tornando mais barato os empréstimos das empresas brasileiras no exterior.

Os reflexos dos juros mais baixos seriam sentidos ainda nas cotações do dólar, mesmo que de forma discreta, como ressalta o economista Luciano Coutinho, da LCA Consultores. A seu ver, os preços da moeda norte-americana subiriam ligeiramente, mantendo a rentabilidade das exportações, as principais responsáveis pelo ajuste das contas externas do país. E, simultaneamente, esfriariam a retomada das importações.

ENGRENAGENS TRAVADAS

O custo das taxas altas no Brasil

PRODUÇÃO

■ A economia apresentou retração de 0,9% no acumulado entre abril e junho deste ano, pelas contas do Ipea. Foi o segundo trimestre de queda no PIB, o que, tecnicamente, mostra que o país está em recessão.

INDÚSTRIA

■ A indústria registrou queda nas vendas de 5,15% em abril e de 0,36% em maio, segundo a Confederação Nacional da Indústria.

SALÁRIO

■ A renda média real do trabalhador brasileiro encolheu 14,7% nos últimos 12 meses, segundo o IBGE. Nos primeiros cinco meses deste ano, o salário médio do trabalhador da indústria ficou 7,04% menor.

DESEMPREGO

■ O desemprego bateu recorde em maio, atingindo 12,8% da População Economicamente Ativa das principais regiões metropolitanas do país.

COMÉRCIO

■ O comércio contabilizou, em maio, retração nas vendas pelo sexto mês consecutivo. Pelas contas do IBGE, somente naquele mês, a redução no faturamento chegou a 6,13%. ■ O IBGE informou que todos os segmentos do varejo registraram vendas menores em maio deste ano. A retração foi puxada pelos setores de vestuário e calçados (-11,33%) e pelos supermercados, produtos alimentícios e bebidas (-6,29%). ■ As vendas de eletrodomésticos vêm caindo desde 2001, segundo as empresas do setor. Na comparação dos primeiros seis meses deste ano com igual período de 2002, o faturamento da indústria diminuiu 15%.

VEÍCULOS

■ As montadoras fecharam junho com o maior volume de carros encalhados em seus pátios nos últimos dez anos. Entre janeiro e junho deste ano, as vendas recuaram 1,9% frente ao mesmo período de 2002. Com capacidade para produzir 3,2 milhões de carros, a indústria fabricará apenas 1,8 milhão automóveis neste ano.



Arte: Joelson Miranda/Itamar Figueiredo

OS EFEITOS DA QUEDA DOS JUROS NA ECONOMIA

- Os empresários podem tocar projetos de investimentos, que, mais à frente, vão resultar na criação de empregos e na retomada do crescimento
- O governo economizará 0,26 pontos percentuais do PIB a cada 12 meses, para cada ponto percentual de redução na Selic.
- Os preços do dólar tendem a dar uma discreta recuperada, mantendo a competitividade das exportações brasileiras e o incentivo à substituição das importações.

Fonte: CNI, IBGE, Anfavea e Eletros.